

## Resenha

### **O príncipe lê jornais: cotidiano e poder no jornalismo impresso**

Wellington Pereira (Org.), João Pessoa, Marca de Fantasia, 2008, 100 p.

Patrícia MONTEIRO \*

“O príncipe lê jornais” é um convite à leitura crítica da mídia, sobretudo do jornalismo impresso. Quatro jovens pesquisadores do Grupo de Pesquisa sobre Cotidiano e Jornalismo (Grupecj), orientados pelo professor do Departamento de Comunicação da UFPB, Wellington Pereira, trilham o desafiador e surpreendente universo do fazer jornalístico e produzem o resultado de um exame atento de notícias e reportagens veiculadas em dois jornais diários de João Pessoa, *Correio da Paraíba* e *O Norte*.

A coletânea é o quarto trabalho do Grupecj e o primeiro volume da série “Cotidiano e poder nos jornais de João Pessoa”, que objetiva discutir a relação entre jornalismo, poder e cotidiano, observando os diálogos e conflitos entre esses campos e sua presença nas esferas da sociedade. Partindo de embasamento teórico nas áreas da sociologia, ciências políticas e análise do discurso, a tarefa interdisciplinar se configura como caminho metodológico capaz de dar conta do exercício crítico de tecer as tramas do texto.

Organizador do livro e idealizador do Grupecj há seis anos, Wellington Pereira (vencedor do prêmio Itaú Rumos Jornalismo Cultural 2007/2008, na categoria Professor de Graduação) expõe as dificuldades e as conquistas de fazer pesquisa na universidade pública, sobretudo no Nordeste. Na apresentação, o professor Jorge Fernando Hermida destaca os méritos do livro, como o ineditismo de refletir a temática do poder no campo do jornalismo impresso, sem, contudo, reduzi-lo a clássicas categorias como Quarto Poder. Ainda no prefácio, o professor da UFPB aborda o conceito central da obra – o poder –, a partir da releitura de autores clássicos das Ciências Humanas e Sociais.

Depois de uma incursão teórica por Aristóteles, Nicolau Maquiavel e Habermas, entre outros autores, o prefácio oferece ao leitor uma espécie de iniciação à jornada que o livro aprofundará ao longo das cem páginas: as relações entre o poder e a produção de notícias. Assim, forma-se a zona de encontro entre profissionais e pesquisadores das Ciências Humanas e da Comunicação e o leitor iniciante nesse ofício. Os quatro ensaios que compõem o primeiro volume de *O príncipe lê jornais* resultam de análise dos cadernos “Cidades”, do *Correio da Paraíba*, e “Dia-a-dia & esportes”, do jornal *O Norte*, no mês de agosto de 2005.

Viviane Marques Guedes reflete sobre a institucionalização do poder simbólico ao destacar como o poder se inscreve nas relações cotidianas e nas estratégias de coesão e coação das instituições que salvaguardam as estruturas da sociedade, evidenciando que o jornalismo “engendra um tipo de poder simbólico na medida em que atua no plano da seleção dos acontecimentos e discursos sociais”. A partir de uma análise contemporânea

---

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação da UFPB.

sobre as evidências do poder, a autora busca em Michel Foucault e Pierre Bourdieu o fundamento teórico para empreender a investigação sobre as formas de poderes – institucionais e dos sujeitos da esfera pública – que se enunciam no âmbito do discurso jornalístico dos periódicos *O Norte* e *Correio da Paraíba*.

O ensaio de Ana Carolina Porto direciona o leitor no sentido de um conceito de poder que se presentifica nas páginas dos jornais diários. As concepções de Foucault a respeito dos micro-poderes que perpassam todas as esferas da sociedade – visto que o poder não está atrelado ao Estado ou a determinados sujeitos e instituições – são a base na qual a pesquisadora assenta o edifício discursivo do jornalismo como um “permanente jogo de poderes”. Em Érik Neveu, associado a Foucault, ela encontra a confluência teórica para nortear a análise do jornalismo enquanto espaço de interdependência de agentes sociais e poderes diversos. Com o estudo das reportagens e notícias, percebe que os periódicos pesquisados se valem da função de mediar as vozes dos cidadãos e dos poderes instituídos, a bem dos interesses da empresa jornalística, para reafirmar e reforçar o poder do jornal como detentor de verdades.

Daniel Abath amplia a investigação, presente nos ensaios anteriores, sobre a representação das fontes que se evidenciam por meio do discurso jornalístico, destacando como o jornal se apropria desses enunciados fundado numa suposta polifonia e imparcialidade. Com este fim, o autor constrói diálogos entre a sociologia de Bourdieu e Michel Maffesoli, a ciência política de Norberto Bobbio e os estudos discursivos evidenciados por Michel Foucault, Eni Orlandi e Teun Van Dijk, inferindo que “os jornais, sujeitos semióticos e, como tais, produtores de sentido, têm poder, mas também são objetos do poder.” Na análise, observa que, tanto a cobertura dos temas quanto a escolha das vozes que povoam o discurso, se dá de acordo com a ideologia e a vontade de poder dos jornais.

Valendo-se de sua vivência na redação de um jornal diário de João Pessoa, Adriana Crisanto Monteiro evidencia um importante olhar no ensaio que encerra a coletânea de textos. Em permanente contato com jornalistas, fontes e instituições, a autora se aproxima do seu objeto, tornando o ofício de pesquisadora mais vivo. Ensaia uma abordagem da relação entre o jornalismo, a ideologia e o poder e faz uma crítica a alguns jornais da capital paraibana, que “mesmo de maneira não declarada assumem uma postura política favorável a um dos partidos políticos.” Na comparação entre o *Correio da Paraíba* e *O Norte*, constata que “em ambos as prioridades são as intervenções dos representantes do governo em prol das suas próprias estratégias políticas”. Propõe a aproximação entre o saber teórico e o prático na tentativa de melhorar a produção dos jornais paraibanos.

Com um depoimento do professor e crítico literário Hildeberto Barbosa Filho, a página final do livro dialoga com o leitor ao testemunhar a produção acadêmica do Grupo de Pesquisa sobre Cotidiano e Jornalismo. A publicação das obras anteriores (*Leituras do Cotidiano*; *O trabalho de Sísifo* e *Epistemologias do caderno B*) comprova o compromisso do Grupej com “a verticalização do saber científico no âmbito da Universidade”.

*O Príncipe lê jornais* é, pois, mais uma obra que evidencia a riqueza teórica, profundidade analítica e capacidade crítica dos alunos, profissionais e pesquisadores do Grupej. Não é sem razão que o Grupo orientado pelo professor Wellington Pereira foi o vencedor na categoria “grupo inovador” do Prêmio Luiz Beltrão de Ciências da

Comunicação 2008, outorgado pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). Pela primeira vez o prêmio, entregue a pesquisadores e instituições científicas, foi concedido a um grupo de pesquisa do Nordeste. Com clareza didática, o professor-orientador oferece ferramentas para os jovens pesquisadores do Grupecj percorrerem as páginas dos jornais diários na tentativa de encontrar o universo do dito e do não-dito, localizar as marcas, os silêncios e os efeitos de sentido que compõem a tessitura dos textos no jornalismo cotidiano.

Em *O príncipe lê jornais* é possível alinhar a história e o instante, a tradição e a rotina, encontrando de Maquiavel a Maffesoli os movimentos opostos, sucessivos e contínuos que tornam a reflexão sobre o poder no jornalismo imprescindível no que ela tem de sombra e luz; envolvente e desafiadora.